ISSN: 2358-8829

SABORES DA INFÂNCIA: ALIMENTAÇÃO, AFETO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mayara Pryscila Borsa [1]
Geovane dos Santos da Rocha [2]
Aline Kieskoski [3]
Aline Perin Padilha [4]

INTRODUÇÃO

A alimentação humana constitui um fenômeno complexo e multidimensional, cuja compreensão ultrapassa as necessidades biológicas e nutricionais, envolvendo aspectos sociais, culturais, históricos, afetivos e simbólicos. O ato de comer, além de assegurar a manutenção da vida, representa uma prática social por meio da qual são estabelecidas relações, compartilhados conhecimentos, transmitidos valores e construídas identidades individuais e coletivas. Nessa perspectiva, os alimentos não são definidos exclusivamente por sua composição nutricional, mas também pelos significados atribuídos a eles em diferentes contextos familiares e culturais. As escolhas alimentares, os modos de preparo, as ocasiões de consumo e as experiências compartilhadas constituem expressões da cultura e da história dos indivíduos, contribuindo para a construção da memória e do sentimento de pertencimento (Contreras; Gracia, 2011; Brasil, 2012).

Na primeira infância, essas dimensões assumem particular relevância, considerando que as experiências alimentares vivenciadas nesse período participam da formação das preferências, dos hábitos e dos comportamentos relacionados à alimentação. Trata-se de um processo dinâmico, influenciado pela interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e ambientais, no qual a criança constrói progressivamente sua relação com os alimentos. Sutton (2001), ao investigar o

[1] Nutricionista RT do PNAE na Prefeitura de Realeza/PR, Doutoranda em Biociências e Saúde da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, mayara.borsa@hotmail.com;
[2] Psicólogo Escolar e Educacional na Prefeitura de Realeza/PR, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, geovanesdarocha@gmail.com;
[3] Psicopedagoga na Prefeitura de Realeza/PR, Mestre pelo Curso de Métodos Numéricos em Engenharia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, akieskoski@gmail.com;
[4] Psicóloga Escolar e Educacional na Prefeitura de Realeza/PR, especialista em Análise Comportamental Clínica e Terapias Contextuais, psialinepadilha@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

desenvolvimento dos comportamentos alimentares na infância, destaca que as preferências alimentares são influenciadas tanto por predisposições individuais quanto pelas experiências de aprendizagem, incluindo a exposição aos alimentos, as práticas parentais e as interações estabelecidas durante as refeições. Assim, a aprendizagem alimentar não se restringe à aceitação ou rejeição de determinados alimentos, mas envolve experiências que contribuem para a construção de atitudes e significados relacionados ao comer.

Essa compreensão foi ampliada por Scaglioni *et al*. (2018), na qual os autores identificaram a influência das práticas alimentares familiares, dos comportamentos parentais, das condições socioeconômicas e do ambiente doméstico sobre o desenvolvimento dos hábitos alimentares infantis. Os pesquisadores destacaram que a observação e a convivência constituem importantes mecanismos de aprendizagem, uma vez que as crianças incorporam comportamentos alimentares a partir das experiências vivenciadas com seus familiares. Dessa forma, a família representa um dos primeiros espaços de socialização alimentar, no qual são construídas referências sobre o que comer, como preparar os alimentos, com quem compartilhar as refeições e quais significados atribuir a essas experiências.

Entretanto, a influência familiar sobre a alimentação infantil ultrapassa a disponibilidade de alimentos e a organização das refeições. As experiências compartilhadas à mesa, as preparações culinárias transmitidas entre gerações, as celebrações e os encontros familiares constituem situações nas quais a alimentação se relaciona à construção de vínculos afetivos e à preservação de referências culturais. Uma preparação culinária pode representar, simultaneamente, uma experiência sensorial, uma lembrança de infância e uma manifestação da identidade familiar. Nesse sentido, Contreras e Gracia (2011) destacam que a alimentação deve ser compreendida como uma prática cultural, permeada por valores, representações e significados que expressam as relações dos indivíduos com seus grupos sociais.

A relação entre alimentação e memória também constitui um importante campo de investigação nas ciências sociais e na antropologia da alimentação. Sutton (2001), ao estudar as conexões entre práticas alimentares, experiências sensoriais e memória, demonstrou que os alimentos podem atuar como elementos de evocação de lembranças, permitindo estabelecer relações entre experiências presentes e acontecimentos vivenciados anteriormente. Os sabores, aromas, utensílios e modos de preparo podem

ISSN: 2358-8829

remeter a pessoas, lugares e situações específicas, contribuindo para a preservação de experiências individuais e coletivas. Sob essa perspectiva, a memória afetiva alimentar pode ser compreendida como a associação entre experiências relacionadas aos alimentos e os sentimentos construídos em determinados contextos de convivência, nos quais o significado da preparação ultrapassa suas características nutricionais e sensoriais.

Essas experiências também se relacionam à transmissão intergeracional de saberes alimentares, compreendida como a continuidade de conhecimentos, receitas, técnicas culinárias, costumes e significados entre diferentes gerações. Esse processo ocorre por meio da comunicação, da observação e da participação nas atividades cotidianas, permitindo que crianças tenham contato com práticas alimentares que integram a história de suas famílias. Ao acompanhar o preparo de uma receita, ouvir relatos sobre alimentos consumidos na infância dos pais ou compartilhar refeições com os avós, a criança entra em contato com conhecimentos que expressam tradições, valores e formas de organização da vida familiar. Dessa maneira, a alimentação pode constituir um elo entre gerações, contribuindo para a preservação da memória coletiva e para o reconhecimento da diversidade cultural (Sutton, 2001; Contreras; Gracia, 2011).

A importância dessas interações também pode ser compreendida à luz da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano, segundo a qual a aprendizagem ocorre nas relações sociais e é mediada pela linguagem, pela cultura e pelas experiências compartilhadas. Para Vigotski (2007), as interações com outros sujeitos desempenham papel fundamental na construção de conhecimentos e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Embora essa perspectiva não tenha sido formulada especificamente para o campo da alimentação, seus pressupostos contribuem para compreender como as experiências alimentares familiares podem adquirir significado educativo quando compartilhadas, narradas e reinterpretadas no ambiente escolar. Nesse processo, as histórias relacionadas aos alimentos podem favorecer situações de diálogo, expressão oral, escuta e reconhecimento das experiências vivenciadas pelas crianças e seus familiares.

No âmbito da Educação Infantil, a instituição escolar constitui um espaço privilegiado para ampliar essas experiências, promover interações sociais e integrar conhecimentos construídos em diferentes contextos de vida. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil reconhecem a criança como sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e coletiva por meio das interações, relações

e práticas cotidianas (Brasil, 2010). Em consonância com essa concepção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, reconhecendo a importância das experiências que possibilitam às crianças conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (Brasil, 2018). Assim, a alimentação pode ser incorporada ao cotidiano pedagógico não apenas como prática de cuidado, mas também como oportunidade de aprendizagem, socialização, expressão cultural e construção da identidade.

Nessa perspectiva, a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) apresenta possibilidades de articulação entre os conhecimentos relacionados à alimentação e as práticas educativas desenvolvidas na primeira infância. O Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas define a EAN como um campo de conhecimento e de prática contínua, permanente, transdisciplinar e intersetorial, orientado à promoção de hábitos alimentares saudáveis e à construção da autonomia dos indivíduos. Entre seus princípios, destacam-se a valorização da cultura alimentar, o reconhecimento dos diferentes saberes, a promoção do autocuidado e da autonomia e a utilização de metodologias participativas e problematizadoras (Brasil, 2012). Dessa forma, as ações educativas devem considerar que os comportamentos alimentares são construídos em contextos sociais e culturais específicos, não podendo ser compreendidos exclusivamente a partir de recomendações nutricionais.

No ambiente escolar, essa concepção possibilita ampliar as estratégias de EAN para além de atividades informativas centradas na classificação dos alimentos ou na identificação de seus benefícios nutricionais. A utilização de histórias, brincadeiras, experiências sensoriais, atividades culinárias e narrativas familiares permite integrar diferentes dimensões da alimentação ao processo educativo, valorizando os conhecimentos prévios das crianças e as experiências construídas em seus ambientes de convivência. Essa abordagem dialoga com a BNCC, especialmente com os campos de experiências “O eu, o outro e o nós” e “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, ao favorecer situações de interação, expressão oral, compartilhamento de histórias e reconhecimento das diferentes formas de viver e compreender o mundo (Brasil, 2018).

A articulação entre alimentação e aprendizagem também encontra respaldo no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que reconhece a EAN como uma de suas diretrizes e estabelece a importância de sua inserção no processo de ensino e

ISSN: 2358-8829

aprendizagem, considerando as dimensões biológicas, sociais e culturais da alimentação (Brasil, 2009). Nesse contexto, a atuação integrada entre nutricionistas e professores apresenta relevância para o desenvolvimento de práticas educativas contextualizadas. Enquanto o nutricionista contribui com conhecimentos técnicos e científicos relacionados à alimentação e nutrição, o professor realiza a mediação pedagógica, considerando as características do desenvolvimento infantil, as experiências das crianças e os objetivos educacionais. A integração desses profissionais favorece a construção de propostas que reconheçam a alimentação como parte do processo formativo e das experiências vivenciadas no ambiente escolar.

Outro aspecto fundamental para o desenvolvimento dessas práticas refere-se à aproximação entre família e escola. Na Educação Infantil, essa relação assume especial importância, considerando que as experiências educativas se articulam intensamente às vivências familiares e aos conhecimentos construídos no cotidiano. Ao reconhecer os responsáveis como participantes do processo pedagógico, a instituição escolar amplia suas possibilidades de compreender as diferentes realidades socioculturais das crianças e de desenvolver atividades que valorizem seus contextos de vida. Nessa perspectiva, Epstein (2011) destaca que a articulação entre família, escola e comunidade constitui uma dimensão importante das práticas educativas, possibilitando a construção de relações colaborativas e o compartilhamento de responsabilidades no processo educacional.

No campo da alimentação, essa aproximação permite reconhecer as famílias como espaços de produção e transmissão de conhecimentos, nos quais são preservadas receitas, histórias, costumes e significados relacionados ao comer. As narrativas familiares sobre preparações culinárias podem constituir recursos pedagógicos capazes de aproximar diferentes gerações, valorizar a diversidade cultural e estabelecer conexões entre as experiências domésticas e o cotidiano escolar. Ao compartilhar lembranças sobre alimentos que marcaram sua infância, os familiares apresentam às crianças elementos de suas trajetórias de vida, permitindo que essas experiências sejam conhecidas, discutidas e valorizadas no ambiente educativo. Dessa maneira, as memórias alimentares podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam a alimentação como experiência cultural, afetiva e social.

Embora as dimensões culturais e afetivas sejam reconhecidas nos referenciais que orientam a EAN, sua incorporação às práticas pedagógicas exige estratégias que

considerem as particularidades do desenvolvimento infantil e a diversidade das experiências familiares. A utilização de narrativas sobre memórias alimentares apresenta-se como uma possibilidade de integrar esses elementos, uma vez que permite explorar os significados atribuídos aos alimentos, reconhecer conhecimentos transmitidos entre gerações e estabelecer relações entre a história familiar e o processo educativo. Além disso, a análise dessas narrativas possibilita compreender como diferentes experiências de convivência, condições de vida e práticas culturais participam da construção dos significados relacionados à alimentação.

Diante desse contexto, o presente estudo apresenta uma experiência de Educação Alimentar e Nutricional denominada Sabores da Infância, desenvolvida em 2025 com crianças de quatro anos de idade, matriculadas no Infantil IV de uma instituição pública de Educação Infantil. A atividade integrou um projeto de intervenção precoce e foi estruturada a partir da valorização das memórias alimentares familiares, mediante uma proposta encaminhada às residências, na qual os responsáveis foram convidados a conversar com as crianças sobre alimentos ou preparações culinárias que marcaram sua infância, identificando quem os preparava, em quais ocasiões eram consumidos e quais lembranças estavam associadas a essas experiências. Posteriormente, os registros foram utilizados em rodas de conversa no ambiente escolar, com mediação pedagógica e articulação entre professor e nutricionista, aproximando as experiências familiares das práticas educativas.

O estudo teve como objetivo analisar os significados afetivos, culturais e sociais atribuídos à alimentação nas narrativas familiares produzidas durante a atividade Sabores da Infância, discutindo suas contribuições como recurso pedagógico para a EAN na primeira infância. Especificamente, buscou identificar memórias alimentares relacionadas à convivência familiar, reconhecer elementos de transmissão intergeracional de saberes e práticas culinárias, compreender a diversidade cultural expressa nas experiências alimentares e discutir as possibilidades de integração entre família e escola a partir dessas narrativas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e interpretativo, desenvolvida a partir da análise de registros familiares produzidos

durante a atividade de EAN denominada Sabores da Infância. A atividade foi realizada em 2025, no âmbito de um projeto de intervenção precoce, envolvendo 41 crianças de quatro anos de idade, matriculadas no Infantil IV de uma instituição pública de Educação Infantil.

A proposta teve como finalidade aproximar as experiências alimentares familiares das práticas pedagógicas, valorizando as memórias afetivas, os conhecimentos culinários e as tradições transmitidas entre gerações. Para sua realização, foi encaminhada às famílias uma atividade a ser desenvolvida no ambiente domiciliar, na qual os responsáveis foram convidados a conversar com as crianças sobre alimentos ou preparações culinárias que marcaram sua própria infância. O instrumento orientava o registro da preparação lembrada, de quem costumava prepará-la, das ocasiões em que era consumida e dos sentimentos ou acontecimentos associados à experiência.

Das 41 atividades encaminhadas, 33 foram devolvidas preenchidas, correspondendo a uma taxa de devolução de 80,5%. Os oito registros não devolvidos não integraram a análise. Assim, o corpus documental da pesquisa foi constituído por 33 narrativas familiares, considerando-se cada atividade devolvida como uma unidade documental, independentemente do número de alimentos, preparações ou lembranças mencionados.

Após a devolução, os registros foram utilizados em rodas de conversa realizadas no ambiente escolar, com mediação do professor e articulação com a nutricionista responsável pela atividade. Esse momento buscou favorecer o compartilhamento das experiências familiares, a expressão oral e o reconhecimento de diferentes práticas e tradições alimentares, integrando os conhecimentos construídos no ambiente doméstico às experiências pedagógicas da Educação Infantil.

Para a análise dos dados, adotou-se a técnica de análise temática de conteúdo, fundamentada em Bardin (2016), organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Inicialmente, realizou-se a leitura integral dos registros, buscando familiarização com o conteúdo e identificação de ideias recorrentes. Na etapa seguinte, foram identificados e agrupados os núcleos de sentido relacionados às experiências alimentares descritas pelas famílias, possibilitando a construção de categorias temáticas. Por fim, procedeu-se à interpretação dos achados à luz da literatura científica sobre memória alimentar, relações familiares, cultura alimentar e Educação Alimentar e Nutricional.

ISSN: 2358-8829

A análise resultou na organização de cinco categorias temáticas: memória afetiva e vínculos familiares; transmissão intergeracional de saberes alimentares; identidade alimentar e cultural; alimentação e condições de vida; e alimentação escolar e memória. As categorias foram consideradas não mutuamente excludentes, permitindo que uma mesma narrativa fosse classificada em mais de uma categoria, conforme os significados identificados. Complementarmente, realizou-se a quantificação descritiva da ocorrência das categorias, considerando o número de registros familiares em que cada uma esteve presente e sua frequência percentual em relação ao total de 33 documentos analisados. Essa quantificação teve caráter descritivo e complementar, sem substituir a interpretação qualitativa dos relatos.

A pesquisa integra um projeto de intervenção precoce aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 86393825.3.0000.5564, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para assegurar a confidencialidade, os registros foram identificados por códigos, preservando-se a identidade das crianças e de seus familiares durante a organização, análise e apresentação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 41 crianças participantes do projeto, 33 famílias devolveram a atividade preenchida, correspondendo a uma taxa de devolução de 80,5%. A análise temática dos registros possibilitou a identificação de cinco categorias que expressam diferentes dimensões afetivas, culturais e sociais da alimentação: memória afetiva e vínculos familiares; transmissão intergeracional de saberes alimentares; identidade alimentar e cultural; alimentação e condições de vida; e alimentação escolar e memória. As categorias não foram mutuamente excludentes, considerando que uma mesma narrativa poderia apresentar diferentes núcleos de sentido.

Observou-se predominância das categorias memória afetiva e vínculos familiares e transmissão intergeracional de saberes alimentares, identificadas, cada uma, em 30 relatos (90,9%). As narrativas frequentemente associaram preparações culinárias à presença de mães, pais, avós e bisavós, destacando experiências de convivência, celebrações e sentimentos de carinho e saudade. Uma das famílias, por exemplo, recordou as refeições preparadas aos sábados, quando a mãe tinha folga do trabalho e

todos permaneciam reunidos. Esses achados evidenciam que os alimentos são lembrados não apenas por suas características sensoriais, mas também pelas relações afetivas e sociais construídas em torno de seu preparo e consumo.

Esses resultados dialogam com a revisão de Fisberg, Gioia e Priscila (2024), que destaca a influência dos mecanismos familiares, sociais e educativos na transmissão dos hábitos alimentares entre gerações. Nesse contexto, as memórias alimentares constituem elementos de continuidade das experiências familiares, permitindo que receitas, modos de preparo e costumes sejam compartilhados ao longo do tempo. Entre as preparações mencionadas, destacaram-se a polenta feita no fogão a lenha, os bolos caseiros, o tortei e as sopas tradicionais, demonstrando que a transmissão intergeracional envolve não apenas conhecimentos culinários, mas também valores, histórias e significados associados à alimentação.

A categoria identidade alimentar e cultural esteve presente em 13 registros (39,4%), evidenciando a diversidade de preparações e práticas culinárias familiares, como polenta, fortaia, czarnina, galinhada e risoto. Esses relatos demonstram que a alimentação constitui uma expressão das experiências socioculturais e da identidade familiar. Ao valorizar essas referências no ambiente escolar, a atividade possibilitou reconhecer diferentes tradições e histórias alimentares, contribuindo para uma abordagem de EAN sensível à diversidade cultural. Essa perspectiva está alinhada ao Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional para as Políticas Públicas, que reconhece a alimentação como prática social e destaca a valorização da cultura alimentar e dos saberes dos indivíduos (Brasil, 2012).

As condições de vida e suas relações com a alimentação foram identificadas em seis relatos (18,2%), contemplando experiências relacionadas à simplicidade das preparações, ao aproveitamento de alimentos e às dificuldades econômicas. Uma família relatou a preparação de rabanadas como estratégia para aproveitar o pão antes que ressecasse, enquanto outra recordou a alimentação escolar em uma comunidade no Paraguai, onde as refeições eram preparadas pelas próprias mães com alimentos obtidos por meio da colaboração familiar. Essas narrativas demonstram que as experiências alimentares são influenciadas pelas condições materiais e pelas formas de organização da vida cotidiana, reforçando a importância de práticas educativas que considerem os diferentes contextos sociais.

ISSN: 2358-8829

A categoria alimentação escolar e memória foi identificada em quatro registros (12,1%), nos quais preparações como a sopa de letrinhas foram lembradas como experiências significativas da infância. Embora menos frequentes, esses relatos evidenciam que as refeições escolares podem adquirir significados afetivos e permanecer associadas às lembranças dos indivíduos. Esse achado apresenta relevância para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), ao reforçar a compreensão da alimentação escolar como parte das experiências educativas e das relações sociais construídas no ambiente escolar.

Sob a perspectiva pedagógica, a atividade Sabores da Infância possibilitou aproximar as experiências familiares do cotidiano da Educação Infantil, utilizando as narrativas como recurso para rodas de conversa, expressão oral, escuta e compartilhamento de conhecimentos. A articulação entre professor e nutricionista contribuiu para integrar os saberes alimentares familiares às práticas de Educação Alimentar e Nutricional, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular, que reconhece as interações e as experiências sociais como elementos fundamentais para a aprendizagem infantil (Brasil, 2018).

Embora os registros não permitam avaliar mudanças no comportamento alimentar ou na autonomia das crianças, os resultados evidenciam o potencial das memórias alimentares como recurso pedagógico para valorizar a diversidade cultural, fortalecer o diálogo entre família e escola e contextualizar as práticas de EAN. Dessa forma, a experiência demonstra que a alimentação pode ser abordada para além de sua dimensão nutricional, reconhecendo os significados afetivos, sociais e culturais que integram a formação das experiências alimentares na primeira infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que as memórias alimentares familiares ultrapassam os aspectos nutricionais, envolvendo vínculos afetivos, tradições culturais e conhecimentos transmitidos entre gerações. A análise dos 33 relatos destacou a importância da convivência familiar na construção dos significados atribuídos à alimentação, além de revelar a diversidade de experiências alimentares presentes nas histórias das famílias.

A atividade Sabores da Infância demonstrou o potencial das narrativas familiares como recurso pedagógico para a Educação Alimentar e Nutricional (EAN), favorecendo

a aproximação entre família e escola e a valorização dos saberes culturais no cotidiano da Educação Infantil.

Embora o estudo não tenha avaliado mudanças nos comportamentos alimentares das crianças, seus resultados reforçam a importância de desenvolver práticas de EAN participativas e contextualizadas, reconhecendo a alimentação como uma experiência que integra afeto, cultura, memória e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação Alimentar e Nutricional; Educação Infantil; Memória Afetiva; Cultura Alimentar; Relação Família-Escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Secretaria Municipal de Educação de Realeza–PR e à Administração Municipal pelo apoio, confiança e incentivo à implantação do Projeto de Intervenção Precoce no município, possibilitando o desenvolvimento de ações educativas que integram saúde, educação e família, contribuindo para a promoção do desenvolvimento integral das crianças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica**. Brasília, DF: Presidência da República, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, DF: MDS, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

EPSTEIN, Joyce L. School, family, and community partnerships: preparing educators and improving schools. 2. ed. **Boulder: Westview Press**, 2011.

SCAGLIONI, Silvia et al. Factors influencing children's eating behaviours. **Nutrients**, v. 10, n. 6, artigo 706, 2018. DOI: https://doi.org/10.3390/nu10060706.

SUTTON, David E. Remembrance of repasts: an anthropology of food and memory. **Oxford**: Berg, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FISBERG, Mauro; GIOIA, Nathalia; MAXIMINO, Priscila. Transgenerational transmission of eating habits. **Jornal de Pediatria**, v. 100, supl. 1, p. S82-S87, 2024. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jped.2023.11.007.